



PASTORAL DOS SURDOS DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, TELÊMACO BORBA/PR

Aline da Rosa Silva ¹

Priscila Guimarães ²

Joséia Maria Loyola de Oliveira Gomes ³

INTRODUÇÃO

No Brasil a educação do surdo está presente desde 1950, quando contou com o trabalho de evangelização do Pe. Eugênio Oates e Monsenhor Vicente Penido Burnier. Com o passar dos anos, surgem pessoas e organizações que buscam uma inclusão dos surdos na sociedade. Toda organização ou grupo de pessoas possui sujeitos com diferentes formas de pensar, raciocinar e expressar seus sentimentos ou pensamentos. A Igreja Católica, sendo uma organização, criou um grupo voltado para a evangelização do surdo com o nome de Pastoral dos Surdos.

Com a ausência de comunicação verbal, desenvolve-se o meio de comunicação corporal expressa pelas mãos. Quanto ao seu emprego, um ato governamental marcante foi a aprovação da Lei nº 10.436/2002, que instituiu libras - Língua Brasileira de Sinais, como língua oficial dos surdos.

O presente artigo tem como objetivo analisar o que é a Pastoral dos Surdos, como ela funciona e trabalha com a comunidade dos surdos, no município de Telêmaco Borba/Paraná. Paralelo a isso, pretende investigar o número de participantes envolvidos, o porquê da não participação de alguns e da diminuição no total de participantes na Pastoral. Para o estudo proposto optou-se por uma pesquisa bibliográfica, para a apresentação de uma breve visão da educação e das ações da Pastoral dos Surdos, sua institucionalização no Brasil e no próprio município objeto de estudo.

Em termos metodológicos optou-se pelo recurso aos testemunhos, realizadas entrevistas e depoimentos, respeitando-se as necessárias especificidades quanto a sua aplicação ao grupo de surdos, com o acompanhamento de intérprete. As entrevistas foram realizadas em formato de roteiro semi-estruturado aplicadas a sete surdos, três intérpretes e um padre da paróquia.

Educação para os surdos

Em linhas gerais pode-se apontar que desde a Antiguidade ser surdo ou ter alguma outra deficiência era considerado um castigo de Deus e as pessoas portadoras de alguma característica considerada “anormal” eram abandonadas em hospícios, ou até mesmo mortas em praça pública para ser libertadas do mal. Muitas atrocidades foram realizadas com os surdos, desde a maldição dos deuses até a condenação à fogueira.

A análise da história dos surdos é algo complexo e difícil de ser realizado, visto ser escrita por pessoas ouvintes que não estavam dispostas a dar espaço

¹ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: clioaline@gmail.com

² Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Universidade Aberta do Brasil (2012). Email: priuepguab@gmail.com

³ Orientadora. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Responsável Técnica pelo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica - UEPG.

para que o surdo interferisse nesse processo. Relatos históricos mostram que algumas civilizações, como é o caso da grega e da romana, não apenas excluíam o surdo do meio social, mas chegavam ao extremo de escravizá-los ou até mesmo condená-los à morte. (SANTOS JUNIOR, 2008).

Ainda naquele período, por serem impedidos biologicamente de desenvolver a fala, se considerou absurda a intenção de ensiná-los a falar ou aprender e, consequentemente, de ocupar um papel social privilegiado. Eram vistos como irracionais, não educáveis, pessoas castigadas pelas divindades, forçados a realizarem trabalhos desprezíveis e condenados a uma vida de isolamento. Na Idade Média apresenta-se uma reversão nessa concepção, com as ideias dos filósofos e de pensadores que demonstravam que a compreensão e expressão de ideias não dependiam, necessariamente, da audição ou expressão de palavras. (FERNANDES, 1998, p. 20-21).

Pedro Ponce de Léon, espanhol e monge beneditino do século XVI é considerado o ‘pai da educação dos surdos’ por ensinar o surdo a falar e ler os lábios das pessoas. Seu ideal foi o de ensinar o surdo a ler, escrever, contar, através do uso de gestos difundidos em alguns mosteiros, como resultado da regra de silêncio ali imposta. Utilizava-se também do alfabeto datilológico (soletração manual), para a aprendizagem da palavra. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006).

Os primeiros alunos de Ponce de León terem sido nobres justifica-se pelo fato de que era necessário o domínio da fala para o reconhecimento dos direitos legais de posse das propriedades de família, o que constituía uma séria preocupação para seus pais. (FERNANDES, 1998, p. 23).

Depois de Ponce de Léon surgiram inúmeras pessoas que se interessaram em desenvolver a educação dos surdos. Entre elas, na França, o Abade Charles Michel L'Epée (1712-1789) inventor do alfabeto manual e criador da primeira escola pública para os surdos, em 1760. Para L'Epée, a linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo. (LACERDA, 2012).

L'Epée aprendeu a língua de sinais utilizada pelos surdos pobres de Paris, tendo como objetivo catequizar o surdo e incluí-lo na sociedade. Fundou a primeira escola pública para surdos por volta do ano de 1760, de onde sairiam os mais importantes professores de surdos. Essa metodologia utilizada pelo abade tem um grande diferencial das demais práticas

realizadas com os surdos, e isso se dá pelo fato de ela dar certo valor à língua nativa dos surdos. Inicia-se nesse período um novo tempo da história dos surdos. (SANTOS JUNIOR, 2008, p. 21).

Assim começaram alguns dos trabalhos para educar os surdos, o surgimento de inventos para ajudar as pessoas portadoras de deficiência auditiva, criação do alfabeto manual, aparelhos de surdez e até mesmo a criação do telefone, em 1876, por Alexander Graham Bell, cujo pai fora instrutor de surdos-mudos e especialista em problemas auditivos. No Brasil, a educação dos surdos teve seu inicio em 1855, com a vinda do professor surdo francês Ernest Huet.

Huet trouxe uma carta de recomendação de seu projeto elaborada pelo ministro de instrução pública da França, e essa carta, depois de passar nas mãos do ministro da França no Brasil Saint Georg, foi encaminhada ao Marquês de Abrantes que a levou às mãos de Dom Pedro II. O imperador do Brasil demonstrou total apoio para que o projeto se consolidasse (...). Seu primeiro nome foi Colégio Nacional para Surdos-Mudos (1856-1857), depois chamado sucessivamente de: Instituto Imperial para Surdos-Mudos (1857-1858), Imperial Instituto para Surdos-Mudos (1858-1874), Instituto dos Surdos-Mudos (1877-1890), Instituto Nacional de Surdos Mudos (INSM/1890-1957) e finalmente recebeu o nome que continua até os dias atuais que é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/1957-2008). (SANTOS FILHO, 2008, p.22).

Na época de sua fundação o Instituto funcionava como um asilo e nele somente eram aceitos surdos do sexo masculino. Eles eram provenientes de todos os pontos do país e muitos haviam sido abandonados por suas famílias. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006).

Ernest Huet desenvolveu um programa especial para ensinar os surdos no Brasil. Esse programa consistiu no uso do alfabeto manual e da Língua de Sinais da França.

A sociedade brasileira não via os surdos como cidadãos e a fundação de uma instituição que atendesse a esses grupos de pessoas pareciam que não fazia muito sentido para a população daquela época. O mais agravante é que o próprio diretor da escola era surdo, o que dificultou o desenvolvimento do trabalho, não por falta de capacidade de Huet, mas por falta de crédito por parte das pessoas. Mas apesar das grandes dificuldades que se enfrentaram no início do instituto, ele se manteve de pé e desenvolvendo com o passar dos tempos, e tudo graças à força de vontade que levou Huet e esposa a deixarem a França e darem uma oportunidade aos surdos brasileiros através do instituto dos surdos por eles implantado. (SANTOS JUNIOR, 2008, p 23).

Outro aspecto relevante na história da educação para surdos, a pedagogia, as políticas e outros aspectos relativo aos surdos diz respeito a se ter em

consideração que aqueles que sempre tomaram decisões a respeito foram, em geral, os ouvintes. (PERLIN E STROBEL, 2006, p. 6). E, sob outra perspectiva, observar a práxis educacional dos surdos e seu vínculo com a religião cristã:

O ocidente de uma forma geral tem um forte vínculo com a religião cristã, e muitas ações que aqui se deram tiveram como força motivadora o cristianismo. Nesse sentido pode-se dizer que os católicos e os protestantes foram os protagonistas da práxis educacional dos surdos durante os últimos quatro séculos, não apenas no ensino religioso, mas em todas as outras áreas do contexto secular, ou seja, os educadores dos surdos eram grandes líderes religiosos que muitas vezes tinham se sentido chamados para trabalhar com os surdos, levando-lhes a educação em todos os contextos (...). O espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1633) é o autor do primeiro livro sobre a educação dos surdos que se tem notícia, tendo como título 'Reduction de las letras, y arte para enseñar a ablar los mudos', publicado no ano de 1620. (...) Antes da publicação deste livro existiam alguns relatos sobre ações oralistas que alguns estudiosos desempenharam com pessoas surdas (século XVI), como foi o caso do monge beneditino Ponce de Leon. (SANTOS JUNIOR, 2008, p. 20-21).

O ano de 1880, com o Congresso de Milão, foi decisivo na história da educação de surdos:

No dia 11 de setembro de 1880, houve uma votação por 160 votos com quatro contra, a favor de métodos orais na educação de surdos, a partir daí a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos (...) ficou decidido no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão, que o método oral deveria receber status de ser o único método de treinamento adequado para pessoas surdas. Ao mesmo tempo, o método de sinais foi rejeitado, porque alegava que ele destruía a capacidade de fala das crianças. (MACHADO, apud WIDELL, 1992, p.26).

A decisão da Conferência de Milão durou mais de cem anos e os surdos foram subjugados a essas práticas do método oralista. Durante esse período, a proibição da língua de sinais sempre esteve viva nas mentes dos povos surdos. Agora o desafio é o de “construir uma nova história cultural, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização de sua língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural” (PERLIN E STROBEL, 2006, p. 17).

Na sociedade brasileira, a legislação sobre os surdos é presente e de forma abundante. No entanto, o ano de 2002 trouxe novidades quanto à ampliação de oportunidades com a institucionalização de ‘libras’ - Língua Brasileira de Sinais, reconhecida oficialmente

pela Lei nº 10.436/2002 como língua oficial dos surdos. A partir de então se reconhece a língua de sinais como língua natural, ou a primeira língua do surdo e o português como a segunda, ou língua oral

Sendo tais aspectos solidificados com o Decreto governamental 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que intensifica estas afirmações e as regulamenta, inclusive tornando obrigatório o uso de língua de sinais não somente aos surdos, mas também aos professores que os atendem bem como motivando a presença de intérpretes. (PERLIN E STROBEL, 2006, p. 51-52).

O intérprete de língua de sinais é o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. (QUADROS, 2004, p. 27).

Em tal contexto, como apontado por Rosana Machado (2011), permanecem presentes desafios em termos da pedagogia, tanto no que se refere à formação de educadores como no caso de sujeitos surdos:

A presença recente da língua de sinais na educação, como disciplina obrigatória nas licenciaturas, nos cursos de fonoaudiologia e como direito de educação bilíngue para os surdos, aponta aos profissionais, uma série de questionamentos, inquiétudes e desafios frente ao contexto educacional. Muitas indagações e polêmicas despertaram entre os profissionais, pois se introduziu um novo olhar sobre a pedagogia, não somente a oral-auditiva, mas a pedagogia viso espacial, no processo de ensino e aprendizagem; uma ruptura de paradigmas. (...) Alunos surdos usuários da ‘libras’ e em processo de aquisição da mesma, estão no ensino regular em diferentes níveis de ensino. Entretanto, a questão não é somente os professores saberem que os alunos são diferentes, no caso dos alunos surdos e dos professores ouvintes, é poder estabelecer uma comunicação significativa e que promova relações afetivas e efetivas de diálogos e aproximações entre as fronteiras do ouvir e não ouvir. É importante lembrarmos que para os surdos é vital que a sociedade reconheça que a língua brasileira de sinais na vida desta comunidade representa a liberdade de expressarem-se e sentirem-se identificados e valorizados. (MACHADO, 2011, p. 6).

Pastoral dos Surdos no Brasil

A Pastoral dos Surdos é a ação da Igreja, propõe-se a ter como princípio e fundamento a própria ação do Cristo. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006). A história da formação da Pastoral vem no ano de 1946, quando o padre americano e ouvinte Eugênio Oates percorreu todo o país, fazendo um trabalho direcionado aos surdos.

Oficialmente, no Brasil a Pastoral dos Surdos teve inicio em 1950, sob o “impulso” do Padre Eugênio Oates e do Monsenhor Vicente Penido Burnier. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006). No ano seguinte, Vicente Burnier foi ordenado o primeiro padre surdo no Brasil, ele e Oates se tornaram os primeiros missionários da Pastoral dos Surdos, devido ao fato de juntos trabalharem na elaboração do livro *Linguagem dos sinais do Brasil* e em seguida Eugênio Oates editou os livros *No silêncio da fé* e *Linguagem das mãos*.

Entretanto, mesmo antes da vinda do padre americano ou da ordenação de Burnier, já eram realizados trabalhos religiosos com os surdos no país. Um exemplo é a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, fundada pelo padre Pierre Bonhomme na França em 1833, e que se instalou no Brasil em 1909. No mesmo ano, a chegada das Irmãs Calvarianas em Campinas/SP, em 1909, é tido como outro marco, até a oficialização da Pastoral dos Surdos. (PASTORAL DOS SURDOS, 2006)

O Instituto Santa Terezinha foi fundado pelas Irmãs da Congregação Nossa Senhora do Calvário, em especial pelas Irmãs brasileiras Suzana Maria e Irmã Madalena da Cruz, e das francesas Maria João e Luiza dos Anjos. A esse respeito, observa-se que:

Até a década de 1990, o IST, adotou o método oral na educação dos surdos. Nas salas de aula foram instalados equipamentos destinados a reeducação auditiva. A partir dessa época a escola passou a desenvolver o bilinguismo que ainda é utilizado hoje na proposta pedagógica. (INSTITUTO SANTA TEREZINHA, 2012)

Já em 1849, em Bolonha, Itália, surge a Pequena Missão para Surdos, tendo como fundador os padres Giuseppe Gualandi e Paulo Gualandi, que viam a necessidade do surdo em ter comunicação e conhecimento. Em 1971, em uma visita à Itália realizada por Vicente Burnier, ele convidou o padre e as irmãs para virem ao Brasil, e assim fundaram no Brasil a Pequena Missão para Surdos. Atualmente ela se encontra no Paraná, nas cidades de Londrina e Cascavel, e no estado de São Paulo, em Campinas.

No ano da oficialização da Pastoral dos Surdos, em 1950, surge também em Curitiba a Escola Épheta, fundada pela Irmã Nydia Moreira Garcez, surda desde os seis anos, pertencente à Congregação Sociedade das Filhas do Coração de Maria. A escola funcionava como um internato de meninas

surdas, onde elas faziam leitura labial. Atualmente a Escola tem por objetivo geral:

oportunizar aos alunos com deficiência auditiva o acesso à educação e (re) habilitação da audição, voz e linguagem como recursos para a sua inclusão social, sua competência no trabalho e o exercício pleno da cidadania. (AEFS, 2012).

No ano de 2006, a Campanha da Fraternidade⁴ lançou o tema: “Fraternidade e pessoas com deficiência”, e como lema: “Levanta-te, vem para o meio”, não só voltada aos surdos, mas para todas as pessoas com necessidades especiais. Manifestou assim como objetivo “conhecer melhor a realidade das pessoas com deficiência e refletir sobre sua situação, apresentando iniciativas que promovam sua dignidade” (CAMPANHA DA FRATERNIDADE, 2006).

Pastoral dos Surdos na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Telêmaco Borba/PR

Na cidade de Telêmaco Borba/PR, os surdos frequentavam a missa, mas enfrentavam dificuldades devido à falta de intérpretes nas igrejas. Em 2001, Irmã Conceição Nogueira dos Santos chegou à cidade e, notando a presença de surdos, percebeu que não havia um acolhimento especial nem tradução das missas. Ao ver essa falta teve vontade de criar um grupo de acolhida e começou a frequentar o curso de libras ofertado pela professora surda Marily.

Os contatos com os surdos eram realizados com algumas professoras dos surdos, Eu me vi perdida, pois não sabia nada de ‘libras’, não conhecia os sinais, o sinal que conhecia era o sinal de brincar, mas eu confiava em Deus. Eu sabia que a Pastoral dos Surdos era obra de Deus e Ele diz ‘que não chama capacitados, mas capacita quem Ele chama’. (Entrevista de Irmã Conceição, 2012).

Para a organização da Pastoral, a Irmã contou com a ajuda das professoras Neuli da Luz Cordeiro de Souza, Vanda Romanowski do Nascimento, Maria Inês de Oliveira Santos. Teve ainda a permissão do pároco da época, padre Donaldo Roth, e de integrantes dos grupos dos surdos: Edilaine Souza e sua irmã Marily Aparecida Ferreira; Eiel de Oliveira; André Cordeiro de Souza e Karile Cordeiro de Souza irmãos e filhos de Neuli e Jailson Ferreira Martins.

⁴ A Campanha da Fraternidade surgiu durante o Concilio Vaticano II (1962-1965) e é uma campanha quaresmal que a cada ano se propõe um tema a ser trabalhado.

Os encontros ocorriam aos sábados à tarde e no começo as missas não eram interpretadas. Decorridos alguns meses tornou-se possível traduzir a missa inteira e dar inicio aos encontros da Diocese ou da Regional.

A Pastoral dos Surdos na Igreja Nossa Senhora de Fátima em Telêmaco Borba teve seu primeiro encontro registrado em ata na data do dia 18 de maio de 2002. Nesse dia, além de planejar encontros sobre a palavra de Deus, eles trataram de organizar a primeira viagem do grupo da Pastoral para uma Romaria em Aparecida do Norte, em comemoração ao dia do surdo, na data de 28 de setembro do mesmo ano.

Desde o início da Pastoral foram realizados passeios para Aparecida/SP e Ponta Grossa/PR com outros surdos. Esses passeios sempre são planejados com antecedência, para que se possa arrecadar recursos, através da venda de rifas e/ou contar com o apoio da comunidade e da própria paróquia. Nesses encontros e passeios fora do município não é comum a participação dos padres, que somente auxiliam com apoio para o transporte.

Apesar de ser pequena a sua participação, os surdos tomam parte nas festividades da paróquia. Um exemplo é o dia de Corpus Christi, quando todas as comunidades e Pastorais participam com desenhos que cobrem a rua, da Igreja Nossa Senhora de Fátima até o Cruzeiro.

No mês de setembro comemora-se o dia do surdo, ocasião em que o padre realiza uma benção especial, a pedido da Coordenadora, em que há a participação e encenação de uma leitura, músicas interpretadas em libras e, por vezes, os intérpretes retribuem com uma música, também em libras.

Todos os padres já foram convidados a frequentar Pastoral para aprenderem um pouco da 'libras', porém se justificam pela falta de tempo e de que precisam realizar missas nas outras paróquias.

Há três anos, a Pastoral dos Surdos conta com novos colaboradores e intérpretes, Marcelo Rodrigues e Priscila Guimarães, realizam a interpretação em libras das missas e com ensinamentos na Pastoral.

Resultados das entrevistas e depoimento: surdos, intérpretes e pároco na Paróquia N. Sra. de Fátima

Ao longo da própria história da Pastoral dos Surdos em Telêmaco Borba/PR, na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, nesses 11 anos de sua existência,

o que se percebe atualmente é a participação de um número reduzido de integrantes surdos.

Na pesquisa de campo optou-se pela aplicação de roteiros semi-estruturados aplicados a 7 surdos, 3 intérpretes e o atual pároco, Padre Henrique Aparecido de Lima. O intuito inicial era o de entrevistar todos os padres da Igreja Nossa Senhora de Fátima para responder de próprio punho às perguntas encaminhadas. No entanto, somente pode-se contar com o apoio do pároco e no formato de depoimento oral.

Com relação aos surdos, a intenção inicial era que os mesmos pudessem responder as perguntas de próprio punho. Porém, ao constatarem-se suas dificuldades com a língua portuguesa, optou-se pela obtenção de depoimentos, os quais foram registrados com o auxílio do intérprete da Pastoral, Marcelo Rodrigues.

O Padre Henrique, em seu depoimento oral, informou que não possui entendimento nenhum de libras, não frequenta a Pastoral dos Surdos por falta de tempo e não participa de encontros ou viagens com o grupo. Mas ressaltou que considera importante a participação dos surdos na comunidade, visando sua inclusão.

Quando a Pastoral dos Surdos começou suas atividades na cidade ela tinha às vezes até quatro intérpretes, que faziam a divisão dos momentos da interpretação. Nos dias de hoje os tradutores ativos são três: Neuli da Luz Cordeiro de Souza, Marcelo Rodrigues e Priscila Guimarães. Quando a missa é especial, como por exemplo, homenagem a Nossa Senhora, Primeira Comunhão, vinda do bispo para a cidade, conta-se com a participação de mais dois intérpretes, porém eles não frequentam a Pastoral.

O intérprete que auxilia na Pastoral normalmente vai à casa do surdo, para convidá-lo a participar, pois é na Pastoral que se aprende os sinais religiosos e o preparo para a Primeira Comunhão e Crisma.

Nas entrevistas dos intérpretes, ficou evidente que estes sentem falta de uma ação mais efetiva da própria Pastoral dos Surdos, com maior número de missas especiais a eles dedicadas, da participação da comunidade, do interesse pelas famílias dos surdos, pois consideram que a família é de suma importância na participação religiosa do surdo.

Na Pastoral dos Surdos em Telêmaco Borba/PR observou-se que, nos últimos anos, o número de participantes tendeu a se reduzir. Nas entrevistas com os surdos percebeu-se que aqueles que frequentam a Pastoral o fazem por declarar que apreciam as atividades e pela necessidade de aprender a respeito da religião.

Os surdos não frequentam a catequese em conjunto com os demais integrantes da comunidade. É na

Pastoral que os três intérpretes os preparam os surdos para a Primeira Comunhão e Crisma. A diferença é que há a convivência social com surdos de várias idades.

Nas entrevistas dadas pelos surdos observou-se a falta que sentem do apoio sacerdotal no grupo. Registraram indicações de que gostariam que participassem da Pastoral, realizassem missas especiais com maior frequência, convidassem a comunidade a se juntar ao grupo, os visitassem, e que os padres aprendessem um pouco de libras.

Quanto ao trabalho realizado na Pastoral dos Surdos em Telêmaco Borba/PR, o intérprete Marcelo explica:

Os surdos aprendem os sinais básicos, junto com os sinais religiosos. Sendo assim qualquer um que não tenha entendimento na Língua de Sinais poderia frequentar e aprender, pois como intérpretes nos sentiríamos felizes por ensinar a comunidade um pouco que seja de libras. (Entrevista de Marcelo Rodrigues, 2012).

E concluiu-se que alguns dos motivos dos surdos de não frequentarem a Pastoral vem da família que precisaria incentivá-los mais, ou até frequentar a mesma para se familiarizar e até ajudar nos encontros e na missa. Ao perguntar para Neuli, coordenadora da Pastoral, o por quê de alguns surdos não frequentarem a Pastoral e a missa, ela argumentou:

Acredito que Deus ainda não tocou o coração deles, porque sempre os incentivamos a participarem da Pastoral. Vamos a casa deles, quando é aniversário fazemos uma festinha, mas eles não participam. Uns acham cansativo se reunir sábado 17:30 da tarde e ficar para missa até 20:30, outros não se sentem acolhidos na igreja, mas tentamos fazer nosso papel. (Depoimento de Neuli da Luz Cordeiro de Souza, 2012).

Na entrevista de Maristela Woellner, surda e não integrante da Pastoral dos Surdos, perguntou-se o porquê de não frequentar a Pastoral, a qual argumentou com as seguintes ideias traduzidas com o apoio do intérprete:

Trabalho a semana toda, fim de semana quero descansar, preciso cuidar da minha filha, frequento a missa em outras comunidades, não entendo muito bem o que padre diz, mas fico olhando tentando fazer a leitura labial. Quando vou à missa, penso em minhas próprias intenções e faço minhas próprias orações. (Entrevista de Maristela Woellner, 2012).

Outro aspecto levantado pelos intérpretes é o fato de que a Igreja Nossa Senhora de Fátima está localizada na região central da cidade. Alguns surdos católicos indicaram residir longe, não frequentando, portanto pela grande distância.

Considerações finais

Os surdos se sentem acolhidos na igreja, porém o que sentem falta é do contato com a comunidade e com os padres, pois o contato é feito através do intérprete.

O grupo da Pastoral dos Surdos a cada dia vem diminuindo, por uma série de fatores: o sentimento de não acolhimento, a vergonha que alguns têm em sentar nos primeiros bancos, além da falta de oportunidade de emprego na cidade, que os faz procurar por outras cidades que oportunizem vagas especiais.

Mesmo assim, com o número reduzido de componentes na Pastoral dos Surdos, além de todas as dificuldades registradas, observou-se o desejo de dar continuidade às atividades e o empenho do grupo dos intérpretes em persistir no empreendimento.

Referências

ABREU, A. C. de. **Surdos, uma abordagem Brasileira Historiográfica e Cultural**. Monografia de Graduação em História. Belo Horizonte: Universidade Salgado de Oliveira, 2007. Disponível em: http://www.cultura-sorda.eu/resources/Campos_Abreu_Monografia_Historia_2007.pdf Acesso em 25/08/2012.

AEFS - Associação de Educação Familiar e Social do Paraná. Disponível em: <http://www.aefspr.org.br>. Acesso em 25/08/2012.

ANSAY, N. N. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior**. Dissertação de Mestrado em Educação. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: http://www.ppgc.ufpr.br/teses/M09_ansay.pdf. Acesso em 25/08/2012.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE. Levanta-te e vem para o meio. Diocese de Guarapuava PR. Ed. 328. fev/2006.

EFFATA. Pastoral dos Surdos do Brasil. Disponível em: <http://www.effata.org.br>. Acesso em: 01/08/2012.

FERNANDES, S. de F. **Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** Dissertação de Mestrado em Letras. Curitiba: UFPR, 1998. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br>. Acesso

em 25/08/2012.

INSTITUTO SANTA TERESINHA. Escola Bilíngue para surdos-83 anos educando com firmeza. Disponível em: <http://www.institutosantateresinha.org.br>. Acesso em: 10/09/2012.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da História das diferentes abordagens na educação dos surdos. In: **Cadernos Cedes**. vol. 19 n. 46. Campinas, set/1998. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10/09/2012.

MACHADO, R. R. **Língua brasileira de sinais-Libras**. Ponta Grossa: UAB/ NUTEAD, 2011.

MONTTYSUMA, M. F. F. **Memória e história oral**. Indaiatuba: Grupo Uniasselvi, 2010.

OATES, E. **No silêncio da fé: catequese e oração na linguagem das mãos**. Aparecida: Santuário, 1990.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf> Acesso em: 01/09/2012.

PASTORAL DOS SURDOS. Pastoral dos Surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2006.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm> Acesso em: 01/09/2012.

RAMOS, C. R. **Libras**: A língua de sinais dos surdos brasileiros. Disponível em: <http://www.editora-ara-ra-azul.com.br>. Acesso em: 21/09/2012.

ROCHA, S. **Histórico do INES**. In: Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos. Belo Horizonte: Lítrra, 1997.

SANTOS JUNIOR, E. dos. A pastoral numa perspectiva das culturas e comunidades surdas do estado do Rio de Janeiro. Monografia em Teologia Faculdade Batista, Rio de Janeiro. In: **Pós-Escrito**. Ano I, nº. 2, jan-mar, 2009. Disponível em: <http://www.seminariodosul.com.br> Acesso em 21/09/2012.

SILVA, C. A. de A. Da falta à diferença no espaço público: considerações sobre a missão cristã voltada para a surdez. In: **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho/2008**. Porto Seguro/BA. GT 24 Etnias e Religiosidade: perspectivas políticas e cosmológicas. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANALIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%202024/cesar%20augusto%20de%20assis%20silva.pdf. Acesso em: 01/09/2012.

WITKOSKI, S. A. **Educação de Surdos e Preconceito - bilinguismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque**. Tese de Doutorado em Educação. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <http://www.ppgc.ufpr.br/teses/D11%20Silvia%20Andres%20Witkoski.pdf> Acesso em 21/09/2012

Entrevistas

Surdos

André Cordeiro de Souza, 25 anos concedido em 01/09/2012.

Erico Ferreira, 33 anos, concedido em 28/09/2012.
Karile Cordeiro de Souza, 17 anos, concedido em 01/09/2012.

Lucas Teixeira de Souza, 16 anos, concedido em 22/09/2012.

Marily Aparecida Ferreira, 34 anos, concedido em 28/09/2012.

Maristela Woellner, 41 anos, concedido em 24/09/2012.

Morgana da Aparecida Woellner, 43 anos, concedido em 24/09/2012.

Intérpretes

Irmã Conceição Nogueira dos Santos, concedido em 20/05/2012.

Marcelo Rodrigues, 23 anos, concedido em 01/09/2012.

Neuli da Luz Cordeiro de Souza, 44 anos, concedido em 01/09/2012.

Depoimento

Padre Henrique Aparecido de Lima, 48 anos, concedido em 18/09/2012.